

ADVERTENCIAS.

A distribuição começa hoje, quinta-feira, ás 10 horas da manhã. Aos Srs., que, o mais tardar, quatro horas depois não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.º 82 — 1.º andar, para se providenciar.

CONHECIMENTOS ÚTEIS.

SEDA.

2351 OUVIMOS, que o Sr. Barão da Junqueira possui, na sua quinta de Valle de Nabaes, em Almeirim, um amoreiral antigo e vasto, em cujo centro se conservam ainda as cazas e officinas de um relevante estabelecimento, que ahí houvêra, para a criação do bicho, fiação e fabrico da seda.

A industria da seda attrae ao presente a attenção de todos os paizes, e em Portugal se chega a pegar como parece provavel, augura ella dias de ouro, porque ainda que tarde venhamos a competir com a Italia e com a França no tecel-a e tingil-a, nenhum clima a não ser talvez o de alguma parte da Italia, rivalisará com este nosso em obsequioso para as amoreiras, e paternal para os bichos que se d'ellas nutrem.

Havemos feito, por nossa parte, quanto sabemos para persuadir ao povo esta saudavel industria, e podemos annunciar, que não são já poucas nem pequenas as tentativas, que n'isto se fazem por todas as provincias, e particularmente na Estremadura, pela promptidão com que o Sr. Sales avia as encommendas das amoreiras, — e no Minho pelas diligencias e exemplo vivo do Sr. Tinelli. O Alemtejo o que mais necessitaria d'esta fonte de riqueza, para começar emfim a povoar-se, e attrair o remanescente da povoação insulana, que lá se vae servir e morrer, escrava e prostituida nos sertões brazilecos e nas Colonias inglezas, o ermo Alemtejo, ainda (que nós sabemos) se não lembrou de socorrer-se a esta moderna arvore da vida.

Ao amoreiral grande do Sr. Barão, á sua fortuna muito maior e á sua grandissima alma, cheia de illustração, de philantropia e de amor patrio, está provavelmente reservada a gloria de começar a felicitação d'aquelles descampados ermos transgagnos. Ouvimos que S. Ex.ª pensa n'isso. — A Providencia abençoará os seus esforços, e o Alemtejo, tendo tambem o seu *Olivier de Serres*, não deixará de se metamorphosear de repente como o Vivarais.

Recommendemos o exemplo d'este homem humano a todos os que por sua riqueza, ou por sua eminente posição administrativa ou ecclesiastica, podem directa ou indirectamente pelas obras ou pela palayra contribuir para tamanha prosperidade nacional. Recommendamos-lh'o dez, cem, mil vezes; submettendo á sua consideração tudo o que havemos escripto nos artigos 997, 1028, 1748, 1848, 1970, 2006, 202, 256, 1292, 635.

Dez vezes havemos já tractado d'este assumpto; mas a sua relevancia é tal que muitas mais ainda voltaremos a considerá-lo.

NOVEMBRO — 30 — 1843.

MELHORAMENTO NO FABRÍCO DO AZEITE.

2352 DESDE a idade média, que se fabrica mal o azeite quasi em toda a parte, isto é, pelo menos com prejuizo para o lavrador, porque moendo-se com a pólpia o caroço da azeitona, — não succede, não, o que alguém cuida, ficar uma porção do precioso óleo perdida, por se misturar com o bagaço, que é a massa a que se reduzem o lenho e amendoa do caroço, mas inevitavelmente acontece que o óleo do mesmo caroço, que é menos puro e gostoso, misturando-se com o da pólpia estreme do fructo, que é o mais fino e estimado, lhe vem a final a abater muito mais no preço do que lhe augmenta na quantidade.

Dos povos antigos consta que para o seu azeite não moíam senão a carne da azeitona, e ainda hoje o primeiro azeite, que dá o lagar, antes de esmagados e exprimidos os caroços, é tido pelo de superior qualidade.

Um ecclesiastico italiano, mui dado aos estudos naturaes, exemplo que n'aquellas desconhecidas e calumniadas terras não é raro, inventou uma singela machina, que, movida a braço humano e sem excessiva fadiga, separa do caroço da azeitona a sua pólpia, e d'ella espreme logo o azeite com muita presteza; de cuja clausula resulta ainda outro bem, que é, não ser necessario empilhar por espaço, ás vezes de muitos dias, o fructo que se vae colhendo, e deixando-o viciar-se ou apodrecer nas tulhas.

São pois os bons effeitos, que se podem prever do seu invento: — brevidade e diminuição de despeza no fabrico do azeite; e extracção do azeite de primeira sorte, sem mistura, nem deterioração. Quanto ao caroço póde este depois ser moído á parte e dar o seu óleo para luzes, sabão, e todos os outros usos sabidos das fabricas e officinas.

Nada mais podemos dizer, — mas já isto não é pouco. Os que intendem de lagar de azeite, que procurarem, se quizerem, haver informações mais miudas da machina de Stancowich; ou que deem este mote para glosar a algum machinista ingenhoso, que ostentemos, e temos muitos — deixar fallar, quem falla.

ASSOCIAÇÕES AGRICOLAS.

(Carta.)

2353 AS REFLEXÕES offerecidas no artigo 2197 pelo Sr. Amorim Barbosa e ratificadas no artigo 2217, e seguintes pelo Sr. Sá Nogueira, bem mostram os desejos patrioticos d'estes Srs., mas, parecem-me para cada provincia do reino, e com especialidade para este Algarve, a voz do clamante no deserto! Nenhuma se move, parecem ou intorpecidas ou encantadas. Quem sabe se o motivo d'esta innacção, não será o expellido no artigo 2176 da *Revista* n.º 7.

O governador civil d'este districto apresentou o seu programma sobre um banco rural para o Algarve — *Revista* artigo 2123: todos reconhecem a necessidade d'esta providencia — todos approvam a idéa, salva a redacção, mas ninguém offerece as suas assignaturas. Uma antipatia geral se declarou n'este Algarve, até nos da sua parcialidade politica, contra o offerecimento do governador civil, aliás muito bom sugeito, e muito capaz; porém não são estas as vias por onde estes negocios devem caminhar, porque havendo mistura das auctoridades em disposições populares patrioticas nada se consegue.

A proposição do Sr. Sá Nogueira é a mais acertada, e deve produzir todo o effeito — bancos filiaes do de Lisboa nas capitães das provincias — delegações d'estes nas cidades, e villas notaveis, tudo bem organizado, farão a felicidade do reino no presente, e no futuro.

Se na côrte se não estabelecer um banco primario, composto de membros, com desejos tão patrioticos como os dos dois Srs. primeiro nomeados, e de lá por suas correspondencias, não excitarem as disposições dos d'esta provincia, ficaremos como d'antes: emquanto existirem por cá certos elementos dissolventes nada conseguiremos.

Os arvoredos vão em destruição — as mattas não se reproduzem — as camaras municipaes em somnolencia — os pequenos lavradores, que são o maior numero, e os que fazem a abundancia, apaticos, pela oppressão da agiotagem, e usura, além das contribuições municipaes etc. etc. Só um banco protector nos poderá salvar. *Um seu assignante.*

AGRICULTURA NA ILHA DE S. MIGUEL.

(Conclusão do artigo 2330.)

IV.

2354 «UMA sociedade d'agricultura, na actualidade, não é luxo, desnecessario; — pôde, e deve fazer muito. A sua situação dá-lhe aso para olhar senhorilmente em tórno de si; — a sua natureza d'associação consenté-lhe o que, com difficuldade, se conseguiria individualmente, — vigiar o andamento das cousas; — pôde prevêr os factos d'antemão, e, a tempo, remediar as consequencias — despertar da inação uma classe inacia de todos os milagres que pôde operar; — e em fim, dá uma favoravel direcção ao espirito de discussão, que geralmente, principia a desinvolver-se.»

«Uma revolução salutar, e da mais alta transcendencia incumbe á Sociedade Promotora da Agricultura Michaelense, — uma revolução regeneradora, pacifica, e vagarosa, a qual, (quando terminada) demonstrará então sobejamente, se era uma inutilidade o seu estabelecimento, — se não era sancto e justo o fervor, com que se venceram todos os obstaculos para o fundar.»

«Consiste essa revolução em:

1.º Supprir pela produção propria, quanto possivel, a importação estranha.»

2.º «Introduzir, multiplicar, e melhorar indefinidamente todos os generos de cultura, e industria, preferindo sempre os que as precisões especiaes tornam indispensaveis.»

3.º «Descobrir mercados faceis a todos os nossos productos, firmando a sua reputação.»

«Que vastissima carreira não está patente aos espiritos laboriosos, e á vontade de bem fazer!»

«Os nossos campos, apesar do nosso orgulho de bons lavradores, carecem de sêr melhor adubados; — faltam-lhes convenientes abrigos contra as ventanias do inverno; — os utensis da lavoura são incommodos, esperdiçam e estragam a força dos animaes: — os gados são escassos, — mesquinhamente tractados, — desaproveitados os seus estrumes, — nem bastam ao consumo: — os pastos são desamparados ao que a natureza quer fazer por elles: — ignoramos as vantagens dos prados artificiaes, tornamo-nos cegos, para de proposito desconhecer os proveitos que das arribanas, e curraes convenientemente construidos, se deriva; — deixamos degenerar as raças: — não apuramos as sementes — dirigimo-nos emfim na difficil arte dos campos quasi sempre pelo acaso, commumente por antigas rotinas — raramente por mal calculadas innovações.»

«E como poderia acontecer diversamente, se a lavoura, pelas poucas excepções, está entregue a homens desprovidos dos mais simples elementos d'educação, e com a mais rude negação para experimentar? Como não succederia assim, se, no nosso paiz exclusivamente agricola, em quanto numerosos mancebos seguem Universidades, e se lançam á tortuosa se-

da da Jurisprudencia — campo espinhoso, e talvez sem futuro, nem um só vemos estrear-se com a amena e bemaventurada vida de lavrador, munido de especial instrução, e aparelhado a guiar practicamente uma granja, e suas varias dependencias? Como pôde a agricultura deixar de ser o que é?.....

«Compramos ao estrangeiro, além de muitas outras coisas, o azeite para nos alumiar: — aos nossos visinhos co-accario, vinho, carne, e lacticinios; — bem escusariamos muitos artefactos de linho, que primorosamente obram as nossas tecedeiras; — não curamos da introdução da cochonilha, que entre nós tem já creadas as opuncias: — as ribanceiras do nosso littoral estão, em grande parte escalvadas, quando podiam vicejar com a util e experimentada barrilha; — o algodão e o anil medram vigorosamente no nosso sólo desprezados, e até desconhecidos da maior parte; — as orlas das nossas estradas estão nuas; os viandantes caminham abrazadas no estio, e crestados pelo suão, no inverno quando as amoreiras multicaules, que vieram aqui encontrar uma segunda patria, os podiam sombrear com a folhagem, refrescal-os com os fructos, e dar emfim alimento aos bichos de seda, que na sua manufactura occupariam immensidade de mulheres, e creanças.»

V.

«Uma associação que dê incremento a qualquer d'estes utilisimos objectos não será nulla, nem tão pouco anarchica: — bem merecerá de todos os que amam com amor de filho a terra natal, e ainda quando nenhum dos que ora vivem, respirar, sussurrarão sobre suas campas as benções de nossos vindouros!»

«A inutilidade não tem futuro.»

J. C.

POLICIA MEDICA.

2355 Já no artigo 2260 da *Revista Universal Lisbonense*, fallei sob identica epigraphie de alguns abusos, que por ahí ha em materia pharmaceutica. Tractarei agora de outro diverso genero.

Nada pôde sêr mais prejudicial que os miasmas putridos, que desinvolvendo-se das substancias em fermentação, e espalhando-se na atmosphera, occasionam e produzem muitas molestias, e ás vezes perigosas. O mesmo acontece com as aguas aonde se lavam substancias vegetaes, e demoradas por muitos dias em tanques, ou em outro qualquer deposito; estas substancias n'agua, tendem a alterar-se já pelo contacto da agua, já pelos gazes atmosphericos, que reagem sobre ellas; mormente estando em maceração n'agua por muito tempo, originando desinvolvimento de gazes, carbonico, asote, e sulphidrico etc.

O estrume dos animaes, principalmente em curraes aonde só um caberia e se mettem tres, ou quatro, mais nocivo se torna, porque mais deleterios gazes d'alli saem. A prohibição d'estes curraes dentro na Cidade não só para a saúde publica é proveitosa, mas tambem para os mesmos animaes; que além de respirarem um ar doentio, são muitas vezes mantidos desgraçadamente. Prohibiram-se dentro da Cidade as cabras pelo damno que faziam; prohibam-se tambem os curraes do gado vaccum. Fallei do mau tractamento; eu sou testemunha d'elle, chegam até a ir os moços á tarde ao deposito da lama, apartar as folhas velhas da immundicie e á noite irem buscal-as para as vacas comerem, assim como palha de cebollas, etc. E poderão estes animaes dar bom leite? De nenhum modo. Cohibir isto seria um grande bem. Pedimos á Camara Municipal de Lisboa haja de remediar estes pessimos inconvenientes, expulsando para fora da Cidade estes curraes ruinosos para os brutos e para a gente.

Isidoro José Gonçalves.

Com a publicação do artigo, que segue, damos por fechada a discussão do presente ponto.

SOBRE O SUPPOSTO VENENO QUOTIDIANO.

(Carta.)

2356 Como V. no seu scientifico jornal publicando que é util á sociedade, por cujo motivo publicou a carta do seu artigo 2209 sobre a existencia do veneno quotidiano, pela mesma razão peço a V. a inserção d'esta resposta para remediar algum prejuizo que resultasse da crença d'aquella asserção.

O processo verdadeiramente chimico para clarificar o assucar é por meio do sangue, e a agua de cal, que não tendo acção sobre o assucar se combina com o melço, e o torna saponaceo, e facilita assim a sua dissolução durante a imphiltração.

O carvão animal extraído dos ossos, da carne, e dos fragmentos animaes depurado, serve para clarificar e embranquecer o assucar como tambem para destruir a cór, cheiro, e gosto de muitos productos organicos.

As partes ósseas ministram mais ou menos gelatina, de que se usa como alimento, a qual reduzida a lâminas delgadas, e seccas, serve egualmente para clarificar o vinho, o caffè, etc., e para formar geléas, cremes, e supprir o ichthyocolla, ou gomma de peixe.

Os ossos reduzidos a pó entram na sôpa economica, nas farinhas restaurantes, e calcinados entram na composição do cosimento branco de Sydenham, que se emprega ordinariamente nas dyarreas, e na acidez das primeiras vias, e mesmo na das creanças durante a lactação.

O carvão animal e o vegetal são empregados como antipatridos para purificar as aguas infectas, e para destruir o cheiro desagradavel do mel, melço, das aguas-ardentes com pequena addicção de cal; para corrigir o máo halito do estomago que existe em muitos casos de dyspepsia, e é optimo dentifricio para tirar o máo cheiro da bocca. — Aonde acharia o auctor da carta a qualidade venenosa dos ossos, como nos diz fallando do veneno quotidiano? — Esta asserção é claramente filha da falta dos necessarios conhecimentos n'este objecto. Pelo contrario o carvão animal e vegetal longe de ser nocivo como veneno, é um dos descobrimentos mais uteis nas artes, e em medicina. — Os cães, que se nutrem dos ossos nem por isso morrem, tanto que antigamente se nutriam os cães com ossos para se lhe aproveitar o excremento, que dessecado e reduzido a pó se vendia nas boticas debaixo da nome — *de pós de jasmins* — do qual se usava nas úlceras da garganta com proveito; o que por exames ulteriores se achou ser devido ao phosphato calcareo n'elle contido.

Pelo que fica dicto se vê que a mistura dos ossos na farinha pôde ser fraude, mas não é veneno.

Seu constante leitor,

Antonio José de Souza Pinto.

Pharmaceutico n'esta corte.

N. B. — Para se obter o carvão bem puro, e com uma acção de descorar mais energica, deve ser misturado com duas vezes o seu peso de acido hydrochlorico a 22 graus, afim de dissolver todo o phosphato e carbonato de cal e lavá-lo completamente sobre um filtro, e fazê-lo seccar.

SOBRE A CURA DOS LEPROSOS.

2357 CONSTANDO-ME que havia um homem na rua Bella da Princeza, no Porto, que estava curando a morphéa, ou elephancia, e que a curava radicalmente tractei de me dirigir alli, e observar o que se passava a similhante respeito. Foi o dia 22 de setembro d'este anno o que eu escolhi para a indagação, e com effeito fui dar a caza do Sr. José da Silva: perguntei se alli se tractava da morphéa, e disseram que sim. Logo me appareceu o Sr. Silva, e pedindo-lhe licença para vêr os doentes, elle m'a franqueou. Passei a visitar o lazareto, e vi alli uns nove, ou dez doentes, os quaes se estavam tractando, porém que horror me não causou o que ali observei. Estes espectros, com figuras humanas, estavam n'um estado d'holocausto, todos elles estavam vulnerados pelas preparações do deuto-chlorureto de Mercurio, pelos acidos mineraes, a ponto de lhes sair toda a pelle, e com ella os dartros morphoicos. Tambem o Sr. Silva faz dar aos doentes banhos fortes de vapor, e purga muito os mesmos doentes, e tendo-lhe feito destacar a pelle, e dartros, cura então os pontos ulcerados com unguento de carbonato de chumbo.

Vamos agora tocar o ponto essencial da questão. ¿Que coisa é a morphéa? ¿Havel-a-ha de uma só qualidade? Ha quatro qualidades d'ella. ¿Convirá a todas o mesmo tractamento? ¿Será o estrago da elephancia só exterior ou padecerá tambem o pulmão? ¿Curados os dartros exteriores estará o doente são?... Não, não o está! resta proval-o. Tanto é verdade que a morphéa tem diferentes gráus d'actividade e por isso d'affecção, que um dos doentes que o Sr. Silva tinha em sua caza estava quasi curado no exterior, mas a voz estava quasi totalmente embaraçada, mal se lhe intendia o que fallava, porque os estragos feitos pela morphéa no aparelho bronquial, esse s, impossivel é curarem-se; tal era o estado d'ingurgitação. Tambem vi a senhora da Figueira, essa estava já cicatrizando com o unguento as pustulas dartrosas. Essa senhora era levemente morphoica.

Visitei tambem a um menino do Doiro, o qual estava de volta com os cauterios, e estava n'um desespero. Elle me disse — antes meu pae me desse um tiro, do que meter-me aqui! — Comtudo subsista o Sr. Silva com o seu tractamento: só o que lhe pedimos é que melhore a caza, e camas, pois que estas, e aquellas, estão n'um absoluto estado de penuria.

Agora por outro lado, pelo interesse publico pedimos ás eschólas do Porto, que tractem d'observar esta caza do Sr. Silva na rua Bella da Princeza n.º 22, e se corresponder ao que elle se propóz, que o deixem continuar; e se não que o inibam, e para sempre, denunciando-o ao publico como impostor e charlatão. Estas linhas que escrevi são dictadas pela estima em que tomamos o zelo de quem escreveu a carta inserta no n.º 5 da *Revista Universal Lisbonense*, sob a epigraphe — Cura da Lepra.

Villa Nova de Gaya, Botica da Delegação da Sociedade de Pharmaceutica Lusitana 20 de novembro de 1843.

José Joaquim de Carvalho.

A MILAGROSA FONTE DOS LAZAROS.

(Carta.)

2358 SOBRE a virtude, que a agua das Caldas de S. João, em Aljustrel, tem de curar o mal de pelle,

póde V. acrescentar a seguinte cura, ás de que fez menção no artigo 2326.

Manuel Joaquim da Conceição, natural de Tavira, foi atacado em 1818, ou 19, de uma molestia cutanea, a tal ponto que foi despedido da botica do compromisso d'aquella Cidade, da qual era praticante, e boticario José Fernandes da Graça Maldonado, actualmente estabelecido na Fuzeta.

Como lhe receitassem os dictos banhos, já então reconhecidos muito efficazes por curar lepra, foi a elles (não sei por quantas vezes) e tão radical cura alcançou, que se acha agora na referida cidade perfeitamente são, casado, e com filhos.

Quando V. queira maiores, e mais exactas informações d'este caso, e talvez de outros muitos, posso desde já affiançar a V. que se acaso se dirigir ao Sr. José Pedro Marques Beliago, cirurgião da camera de S. Magestade, e residente n'aquella cidade, elle lhe prestará com promptidão todos os esclarecimentos de que a sua probidade e sabedoria são capazes.

Faço votos porque haja na nossa amada patria mais um alivio á humanidade, e um meio de riqueza para seus filhos, mandando o governo previamente para alli um dos nossos abalisados medicos, cujo credito seja reconhecido no estrangeiro, com alguns leprosos, afim de fazer as observações necessarias, e confirmar, ou desmentir a fama da virtude da mencionada agua. Quando porém verificada e acreditada, algum Portuguez queira aproveitar-se dos lucros, que por ella lhe possam provir, já tem uma excellente estrada pelo espaço de uma legua, d'Aljustrel até á ermida de S. João, onde é a vertente, e em Sines um commodo, ainda que pequeno, porto para o desembarque d'aquelles cujas molestias lhes fizerem demandar os dictos banhos.

Se V. julga útil esta noticia, não recêe publical-a por lhe ser transmittida por quem V. não conhece, mas que tem muita satisfação de ser De V.

Lisboa 27 de novembro de 1843.

Affectuoso amigo.

Esperamos que o Sr. *Beliago* não duvidará de comunicar-nos, para ser publico, tudo o que souber sobre tão importante materia.

PAPEIS EPISPÁSTICOS.

(Carta.)

2359 ESTAS composições annunciadas por D'Alhespeyre, e descriptas em algumas obras modernas, longe de serem uteis como n'ellas se inculca, são damnosas a maior parte das vezes, sendo preferivel a repetição dos causticos quando necessaria a supuração, para evitar as terriveis irritações, dores, insomnios, espasmos, e desarranjo nos órgãos internos, segundo a susceptibilidade individual; sendo porém necessario interter a supuração dos causticos, preferimos a seguinte composição — Banha, onças seis, cera branca, onça e meia, e cantharidas, onça uma. — Exponha-se em vazo tapado a uma temperatura que a conserve em estado liquido por 24 horas, agitandose a miudo; cõe-se com forte expressão, conserve-se para uso. — A experiencia tem mostrado que da applicação d'esta pomada resultam bons effeitos, pois não occasionam impressões dolorosas sobre as vias urina-rias de pessoas nimamente irritaveis, e até nas creanças de tenra idade, podendo modificar-se esta composição segundo as circumstancias. — Pomada epis-

pástica, onça uma, ceroto de spermacete, ou unguento populeão, meia onça, misture, ou aliás em partes eguaes. O mesmo dizemos dos tafetás e encerados vesicantes que diariamente vemos em papeis publicos que não são mais que uma tintura concentrada de cantharidas feitas em ether acético, estendida por meio de um pincel sobre o oliado de seda, a qual se repete por duas vezes logo que a primeira está seca, ou fazendo estender sobre o papel uma mistura de cera amarella com oleo vesicante de cantharidas extraido pelo ether sulphurico.

A pomada de meserião não tendo a actividade das cantharidas póde ser substituida em certos casos com preferencia aos encerados ou papeis epispásticos.

Antonio José de Sousa Pinto.

Pharmaceutico n'esta côrte.

OUTRA VEZ A QUESTÃO MEDICO-CIRURGICA DO SR. FRANÇA.

(Carta.)

2360 RECAMBIO a carta que V. me fez o obsequio de confiar-me, em que o Sr. A. A. V., cirurgião do Alemtejo se digna rebater as minhas doutrinas, com um stylo a que me acho pouco habituado, e que por si só bastaria para me tirar a vontade de sustentar uma polemica séria com S. S.^a (quem quer que seja), se não accrescesse outra razão de muito maior pêsso aos meus olhos. O caso do Sr. França, e as questões connexas, tudo foi já superiormente debatido pela imprensa, e não me parece que, nem o Sr. A. A. V. nem eu, possamos elucidar pontos já tractados por homens tão competentes como são os Srs. *Agostinho Albano, Beirão, José Lourenço da Luz, Villa, João Pedro Barral, Manuel Thomaz Lisboa* etc. etc. Confirmando pois tudo quanto expendi n'um precedente artigo, quanto ás theses, farei pouquissimas notas á carta do Sr. A. A. V., sem que por isto se julgue que ainda o que deixo por notar é conforme com os principios da sciencia, ou as lições da pratica.

Sou etc.

Um Medico Portuguez.

2361 ESTAVA em Lisboa quando escrevi um pequenino artigo para a sua interessante folha sobre o ferimento do Sr. França: pensava eu que, sendo elle tão curto, tão mal redigido, e minguido de cabedal scientifico, fosse logo estampado e respondido; mas não foi assim: o dignissimo collaborador de V., ao mesmo tempo que lhe notou tantas faltas, por um singular contraste, se esforça em um estirado artigo n.º 2278 debalde em refutal-o: e eu tive de partir para a minha aldeia a esperal-o; cbejou com effeito no dia 14 pelas 2 horas da tarde — bemvindo seja! (1)

Primeiramente que responda áquelle artigo; permitame V. que diga alguma coisa sobre as reflexões que precedem o mesmo.

Não ignoro que haja entre os sabios collaboradores da *Revista* pessoas competentissimas para dizerem da materia sujeita; mas como nenhum d'elles era que fallava no art. 2251, e sim V. que, me parece, não se arroga, tal competencia; por isso é que lh'o es-

(1) A redacção da *Revista* poderá prestar testemunho de que havendo-me sido entregue a carta do Sr. A. A. V. n'uma tarde, o estirado artigo de resposta ficava em seu poder na manhã do dia seguinte.

tranhei: se porém eu usci d'alguma expressão que podesse offender a susceptibilidade de V. estou prompto a retirá-la, porque a minha intenção não foi essa. — sobre a pergunta que me faz, respondo, que nos jornaes d'Associações Scientificas, como o das Sciencias Medicas de Lisboa, e dos Facultativos Militares etc., cabia melhor o tractar-se da questão. Não tiro a V. o direito de dizer de tudo; mas aquelles só tractam de coisas medico-cirurgicas; por consequencia a cada um o que lhe pertence. Termino por pedir a V. accete a outhorga que lhe faço de riscar ou substituir alguma palavra ou expressão do artigo que segue, que porventura possa chocar ou ferir o melindre d'alguem; assim como de o mandar inserir n'um cantinho da sua folha, favor que tenho esperanza de obter, em attenção á imparcialidade de V. e á que eu tenho sido seu constante assignante.

Quanto ao véo d'anonymo permitta-me V. que o guarde; pois que não resta outra consolação á mediocridade; mas se V. quer rasgal-o não terá mais que revêr a lista dos seus assignantes dos — Quadros Historicos — das Metamorphoses d'Ovidio — e da Revista Universal; lá achará um desconhecido nome, a que exactamente hão de corresponder as maldadas iniciaes, Mas — *Seigneur, si j'ai raison, qu'importe qui je suis.* — Sou com toda a consideração e respeito

Ferreira 16 de novembro de 1843. De V.

Att.^o ven.^or e admirador
O Cirurgião do Além-Têjo
— A. A. V.

Começa o meu contendor gigante, por descarregar sua massa enorme, e esmaga-me logo com esta massada — *que a minha carta não parece ter sido escripta por nenhum dos facultativos assistentes do Sr. Franca; pois esses o fariam com superioridade* — Não faz muito que sou eu pygmeu; mas S. S.^a também não metteu nenhuma lança em Africa! grande finura em adivinhar que eu não era nenhum d'aquelles facultativos depois da declaração que eu faço, *que não assisti ao doente, e sou do Além-Têjo!* — Quanto á superioridade, concedo-a; fôra em mim vaidade indesculpavel o querer equiparar-me a qualquer d'aquelles meus illustres collegas; mas também isto se pôde explicar cá para o nosso caso: — está S. S.^a á espera do que lhe ha-de vir por parte d'aquelles Srs., e vae-lhes adocando a boeca, quer estar no caso, ou pôde querer, do — *Laudari a Laudato viro* — bem, intendo. Mas permitta-me que não o reconheça como avaliador das capacidades alheias, sem mostrar melhor patente ou documento do que o do seu artigo. (2)

É notavel a philancia com que o meu illustre e nobre contendor emenda a redacção da minha primeira proposição, e a arranja a seu modo! Tanta caridade!

« Nas lesões traumaticas, que exigem a amputação, é melhor operar antes ou depois de terem passado os symptomas inflammatorios? »

Eis o que eu estabelecia eu propunha.

(2) Evidentemente me não abaixarei a reciprocamente injurias. Só direi que sendo a carta do Sr. A. A. V. anonyma e apaixonada, justificaria suspeitas de que proviesse de interessado, sem que bastasse para as annullar a declaração do anonymo, de que não assistira ao doente. Quanto aos ainda que *parcos* elogios que dirigi aos facultativos assistentes do Sr. Franca foram um acto de justiça, e ao mesmo tempo um procedimento de cavalheiro que não precisa ir buscar argumentos ao arsenal das injurias; sendo prova bastante de não querer captar benevo-

« Nas lesões traumaticas, que exigem amputação, os melhores cirurgiões hesitam, se convirá amputar antes ou depois de terem passado os symptomas inflammatorios. »

Eis a proposição emendada do meu nobre adversario.

Já agora faz S. S.^a favor de me explicar a grande differença que vai d'uma á outra? Porque razão é, ou parecer ser, esta de pessoa da arte, e aquella não? Ainda mesmo que a redacção fosse como diz, como as idéas fossem as mesmas era o que importava — e isto não se pode duvidar — por consequencia foi pueril o quináu. (3)

Mas o que mais admira é o tom magistral como S. S.^a diz — *que no secuto XIX não houve um só escriptor que hesitasse um momento em amputar logo depois do accidente* — Muito poucos escriptores celebres haverá n'este seculo que nos não tenham vindo do passado: conheço o subterfugio de que se quer valer o meu nobre contendor para refutar o que eu escrevi; mas eu não estabeleci nem determinei epochas, nem me consta que seja prohibido a qualquer cirurgião o seguir as opiniões dos escriptores mais celebres do seculo XVIII, muitos ha ahí vivos, e eu os conheço, muito acreditados e respeitaveis que seguem suas antigas opiniões e são felizes; e sem que ninguem os possa tornar responsaveis por ellas. (4)

Mas apezar do subterfugio S. S.^a enganou-se — Vejâmos o que diz *Begin* — pag. 630.

« É preciso ter em vista que o emprego bem dirigido dos meios therapeuticos pôde, em

lencias, o ter contrariado não só as doutrinas, mas até o procedimento pratico d'esses facultativos. Quanto á minha incompetencia, o meu generoso contendor nada mais faz do que corroborar a asserção por mim mesmo enunciada, de que — só provoquei esta discussão para illustrar-me com a opinião dos mais competentes, e a todos em taes materias concedo vantagem sobre mim. — Se a unanime benevolencia dos meus collegas houvesse tido força para desvanecer esta convicção, o juizo do Sr. A. A. V. me recordaria do nada que sou e valho.

(3) Sinto não ter sido percebido. Eu não procurei emendar a redacção de proposição alguma; só lhe dei a fórma que, sem lhe alterar as idéas, como S. S.^a reconhece, mais convinha ao systema de argumentação que n'esse artigo adoptei. Ora a tal observação, de não parecer redacção de homem da arte, refere-se, tanto á primeira como á segunda, e porque aqui não posso fazer tractados, requeiro attenção para o que já sobre esse mesmo assumpto escrevi, e, se eu sou suspeito, para o que sobre tal proposição escreveram na *Restação* o Sr. Dr. Lisboa, e outros.

(4) É curiosissimo assacar-se-me deslealdade n's citações, quando as fiz escrupulosamente textuaes! Mais extraordinario ainda, que se dê a entender, que ignorei ou dissimulei que essa opinião da não amputação em certos casos tivesse, em periodo já distante, strenuos campeões! Isto em resposta a um artigo onde formalmente o reconheço, e cito como exemplos *Pott, Sharp e Faure!* O que eu quiz dizer com a minha reflexão, foi que em taes pontos a cirurgia moderna, por força de circumstancias, tem feito ultimamente grandes progressos. As guerras sanguinolentas de Napoleão, o systema das *ambulancias*, a escolha do pessoal da repartição de saude nos exercitos em campanha, a apparição de um *Larrey*, a organisação actual e totalmente nova de um ramo que fôra com imprudencia menos considerado, o habito introduzido de estudar e relatar os acontecimentos memoraveis para a sciencia, tudo isso explica a vantagem que este seculo leva sobre os que o precederam, quanto á opinião formada acerca do tractamento das feridas de armas de fogo. Já se vê que não é isto desconsideração pela arte, tal como a intendia, por exemplo, a celebre academia de cirurgia.

«muitos casos, fazer evitar as amputações julgadas mais necessárias; e debaixo d'este ponto de vista a physiologia tem feito á cirurgia e á humanidade grandes serviços. Aos membros thoracicos é muitas vezes possível substituir com vantagem *ressecções* ás ablações completas das partes.»

Ouçã-se agora o que diz *Benjamin Bell*, essa auctoridade respeitavel.

«Que nos exercitos não se deve differir a amputação, porque não é possível prestar aos doentes os precisos cuidados.»

E mais adiante

«Todavia é raro que o cirurgião seja obrigado a recorrer á operação na pratica particular.»

Mais

«Uma prompta amputação é raramente necessaria na pratica particular.» (5)

Faure era de opinião que se temporisasse pertendendo que a natureza conservava muitos membros que a arte tinha julgado perdidos — e que as amputações aproveitam mais depois que os doentes tem resistido aos primeiros accidentes, que se acham debilitados, e methodicamente tractados. (6)

Mas para que mais citações? não está o meu nobre adversario, contra producentem, elle mesmo — *Mehee* — que desaprovava a pratica da amputação cedo. —? (7)

Mas cabe aqui ratificar que eu não me fiz, nem me faço cargo de sustentar esta opinião, nunca foi essa a minha intenção escrevendo o meu artiguinho, — eu só disse que — vogando duas opiniões respeitaveis sobre a materia, era licito a qualquer facultativo seguir uma d'ellas sem incorrer no labeo de imprevidente etc., e que muito mais era isto licito aos meus collegas que assistiram ao Sr. França, porque não tinha sido opinião assentada, ser a amputação indispensavel — por conseguinte que estavam dobradamente justificados para temporisarem. — A elles compete, que não a mim, que não vi o caso, a responder ao Sr. doctor sobre se o ferimento admittia ou não de longas. Finalmente eu não tive noticia ou não vi o artigo de S. S.^a da *Restauração*, e só respondi ao da *Revista*.

A 4.^a proposição por S. S.^a exarada fica prejudicada á vista da declaração supra.

(5) Pergunto se alguma d'estas citações veio aqui trasida de boa-fé! A proposição do Sr. A. A. V. era relativa, como elle confessa, ás lesões traumaticas, que EXIGEM AMPUTAÇÃO; e todas estas citações são para provar o contrario exactamente, isto é, que em muitos casos em que se suppõe a necessidade da amputação, não é ella verdadeiramente exigida. — Se pôrém estas citações tinham por innocente fim ostentar erudição, á moda do *Ensaio* de *Tergini*, ou do *Manual* de *Miltz*, reduzo-me a abaixar a cabeça perante saber tão alto.

(6) Esta citação já foi por mim feita; e ainda que tal doutrina se póde bem conciliar com a que a sciencia hoje proclama, repito que *Faure* foi *in illo tempore* defensor de uma opinião, que todos os modernos chamam erronea.

(7) Não querendo accusar o Sr. A. A. V. de má fé, direi só que o seu intuito é esgrimir para demonstrar a sua habilitade, e medir forças. Se assim não fosse, não supprimiria a parte essencial das minhas palavras, nada menos que a restricção ao principio; aqui as restabeleço: «*Mehee*, que escreven para mostrar quanto desaprovava a pratica da amputação cedo, nas feridas de armas de fogo, admitté só um caso em que a operação seja conveniente, isto é, quando se manifesta a gangrena.» Realmente por tal methodo não é trabalhoso ficar com as honras da discussão.

Do mesmo modo quando eu disse — a amputação não previne o tetano, antes o determina etc. — dirigia-me á insinuação que parecia fazer-se na *Revista*. Mas se S. S.^a me dá licença, direi que a principal causa que determina o tetano traumático vem a ser, a contusão, a dilaceração e incompleta cortadura dos nervos, e que umas constituições e localidades etc. dispõem mais do que outras a contrail-o; d'aqui deduz que um individuo nervoso e submettido a más influencias de todo o genero, recebendo uma ferida com aquelles estragos, raro será, que não seja accommettido do tetano, e a probabilidade não diminue com a amputação da parte; porque aquella impressão desagradavel e dolorosa, que receberam os nervos transmittiu-se rapidamente ao cerebro, e allí está latente, e latentemente a vae distribuindo pela medulla espinal etc. — torna-se geral portanto; de causa local tornou-se geral, e isto desde o momento em que se recebeu a ferida; ao menos em theoria assim se deve discorrer á vista da incalculavel velocidade com que os nervos transmittem ao cerebro as impressões — logo de que serviria fazer a amputação? com uma grande incisão local destruir-se-hia uma causa generalizada? não me parece a mim, antes ao contrario, ella seria uma segunda causa, que iria reforçar a primeira, por quanto é sabido e incontestavel que de taes amputações tambem resultam tetanos — consequentemente concluo que em taes circumstancias, como as que digo, a amputação da parte ferida não deve diminuir a probabilidade do tetano. (8)

Não terminarei este artigo sem dar uma breve investida no campo assignalado, aonde devem gladiar ou esgrimir outros mais dignos combatentes; mas só de salto, na generalidade.

Diz o meu illustre adversario que — a balla da espingarda destruiu os ossos de metacarpo, tendões, vasos, nervos etc., e accrescenta — em taes circumstancias não se espera a gangrena; amputa-se — mas porque se não póde esperar a suppuração? porventura não é esta uma das terminações mais frequentes? era allí impossivel? n'esta argumentação, creio eu, que S. S.^a peccou por paralogismo; porque ainda mesmo que haja a gangrena de um dedo, elle não justifica a amputação da mão, como muito bem disse o meu illustre collega, o Sr. Villa. (9)

Ficarei por aqui porque tenho sempre presente a estreiteza dos limites de um jornal; mas não acabarei

(8) Não tenho querido alargar as raias da questão geral com esta especialidade; e só a analyse d'este § daria um volume. Sem pertender estabelecer *dogmaticamente* um principio, limitar-me-hei a emittir a convicção de que 1.^o por um tetano que sobrevem em consequencia de amputações, apparecem 20 tetanos resultantes de lesões complicadas, em que essas amputações se não verificaram; 2.^o a amputação *immediata* póde prevenir o tetano, o qual frequentemente resulta não da ferida, tal como foi feita pela arma de fogo, mas sim da influencia produsida sobre os systemas muscular e nervoso pelo progressivo desinvolvimento da molestia.

(9) Tudo depende da extensão da lesão, o que se ignorava quando eu escrevi, e ainda hoje não está bem sabido. A minha these continúa a ser esta. Se a balla espedaça, na palma da mão todos os alimentos e esteios nervoso, osseo, sanguineo e muscular de 3 ou 4 dedos, de fórma que não subsista *anatomicamente* esperança de poder salvá-los, não se espera gangrena, amputa-se. Se a questão fosse de um só dedo, certamente seria contra indicada a amputação da mão.

sem agradecer a S. S.^a a prelecção que me faz sobre gangrena.

Ferreira 16 de novembro de 1843.

Um cirurgião do Alemtejo

A. A. V.

ADVERTENCIA DA REDACÇÃO.

A questão medico-cirurgica, sobre que versam a carta supra e as suas notas, deve já estar sufficientemente illucidada pelo muito que se tem escripto a tal respeito na *Restauração* e na *Revista*. Para os medicos e cirurgiões já ha ahí de sobra; para o restante do publico é assumpto escusado. Permitta-se-nos pois amputarmos a discussão sem esperarmos pela formação do seu circulo inflammatorio, que Deus sabe até onde chegaria. O Sr. A. A. V. e o nosso collaborador, seu adversario podem obzequiar-nos-hão sobremaneira todas as vezes que se dignarem de enriquecer a nossa folha com quaesquer outros artigos seus, sobre a sciencia.

CARRUAGENS DE VAPOR.

2362 Vimos no artigo 2179 uma tentativa ingleza para supprir os caminhos de ferro por caminhos de madeira. Tinhamos visto no artigo 1850 um invento sueco para se levarem as carruagens de vapor por estradas ordinarias. Vemos agora na França outro inventor, que offerece para o logar de ferro e madeira nos carris uma composição de barro do que serve para loiça fina, e certa substancia metallica. Liga esta de maior solidez que a pederneira, e tanto que nem o ferro entra com ella. Com varas de carril d'aquillo orçam-se em 120 mil réis.

A argilla própria temol-a nós em abundancia: se a outra substancia, que não vem nomeada no jornal, d'onde extraímos a noticia, não for de grande custo n'este reino, aqui está mais uma facilitação para virmos a ter as rapidissimas viagens de terra, que já em todas as outras partes da Europa e da America se vão tornando frequentes. Já tambem nós as poderíamos possuir se os ricos não repellissem como affronta o dizer-se—que elles se lembram de consagrar alguma porção dos seus cabedacs ao fabrico das estradas.

UTILIDADE DOS CAMELLOS.

2363 Estes animaes são celebres pela sua sobriedade e força, e a sua utilidade é geralmente reconhecida. Um camello carrega com dez quintaes, e anda de quinze a vinte leguas por dia, comendo sómente as folhas das arvores e arbustos, que póde aboccar pelo caminho; passa oito dias sem beber agua, e vive até aos cincoenta annos. Ajoelha para o carregarem ou descarregarem, é muito docil, e obedece ao menor signal do dono. A sua carne é tão boa como a do veado; a femca dá leite superior ao das vaccas, e a lã do camello é muito mais fina do que a das nossas ovelhas.

Com todas estas vantagens, parece impossivel, que os não tenham introduzido em Portugal, onde se dariam muito bem, principalmente nas provincias do Alemtejo e Algarve, e sobre tudo na primeira, onde os transportes são carissimos.

Mil louvores portanto aos Srs. Ferreira Pinto Bastos, que tal serviço fizeram ao paiz, mandando vir um cazal, o qual já partiu para Aveiro para o serviço da sua rica fabrica de loiça.

Esperamos que mais algum dos nossos ricos se lembre de os imitar; a maior utilidade para elles é.

Por esta occasião lembro-me de emendar um erro geralmente seguido. O vulgo chama camellos, aos que tem uma só corcova, e dromedarios aos que tem duas; quando é exactamente o contrario. Os camellos de duas corcovas são os propriamente dictos, e habitam no centro da Asia; e os d'uma corcova são chamados dromedarios, habitam na Persia, Syria, e quasi toda a Africa; é d'estes ultimos que se devem introduzir em Portugal, e que são de maior utilidade, como já aponteí acima. *Pedro Trevim.*

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

DOTES.

4 DE DEZEMBRO DE 1876.

O DOTE serve de fazer a esposa mais digna da caza e companhia de seu esposo, e mais apta para accodir ás obrigações de seu estado.

P. Man. Bern.

2364 «A virtude louvada vive e cresce.»—Recompensa-a porem é o mais seguro meio de lhe ganhar imitadores.

O prior Francisco Machado, e o testador João Vanganipe, de quem fizemos honrosa menção nas duas semanas proximo passadas, cumpriram em todo o ponto estes dois incontestaveis axiomas. O prior com a sua doutrinação, o testador com a sua bolsa. Um com a palavra, e outro com a obra. Com o exemplo, bem é de crer, que elles contassem fazer outro tanto, se não mais.

Não achamos, porém, muitos exemplares d'aquella doutrinação, nem muitas copias d'aquelle testamento.

¿Será deslembração? ¿Será sumiço? ¿Será miungua? . . .

É hoje o anniversario do terceiro sorteamento que na roda do anno determinou Vanganipe se fizesse, para dotar a donzella orphã, que d'entre todas as mais castas e virtuosas da freguezia, fosse apontada pela sorte.

Não podemos deixar de fazer aqui um reparo mui obvio.

Que este pio testador marcasse para estas sortes casamenteiras, o dia de S. João, bem está; e acertado foi—que é immemorial praso de alcachofras floridas e sortes de casamentos.

Mas o de S. André, commemorado no precedente numero, não atinamos com o porquê. Esquecer S. Antonio, em tal passo, parece incrivel. O de hoje porém sim. Sancta Barbara foi a maior formosura que no seu tempo houve em toda a Asia-menor; e por isso seu pae a pôz a bom recado n'uma torre. Como o nosso testador recommendou se acudisse com preferencia ás mais *bem parecidas*, justo era que as pozesse sob a protecção de S. Barbara como sabedora dos contrastes que padece a belleza, e dos riscos a que anda exposta.

Emui de passagem diremos—que a esta Sancta deveram as donzellas gentís, tomar por advogada, que para o ser contra raios como sempre ouvimos dizer,

não lhe achámos fundamentos, antes sabemos que não livrou a seu pae de ser morto por um corisco.

; Mas que tão poderoso incentivo, e guarda, não são estes legados para a virtude feminina, que dos muitos salteadores que a accommettem, a pobreza é um dos mais perigosos, e o que mais victimas arroja nos abysmos da perdição!

E uma mulher perdida, é o maior achado que o demonio faz n'este mundo.

Se todos os abastados considerassem attentamente, que similitudes deixas fazem tão grande honra a Deus, proveito ao proximo, e desafronta á sociedade, nenhum dos testamentos se leria sem esta verba.

Não, de certo — mórmente se esse testamento fosse de quem houvesse tido filhas.

Aqui fica mais uma importante ponderação, n'este honrado papel, onde tantas se teem feito, e aproveitado. Agora Deus lhe ponha a virtude.

A. da Silva Tullio.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

2365 As que esta semana recebemos nada avultam.

ACTOS OFFICIAES.

2366 *Diario do Governo de 22 do corrente.* — Contracto entre o governo e De Claranges Lucotte para a construcção e renovação das estradas de Villa Nova de Famalicão a Vianna, e do Porto a Penafiel. Ordem do exercito n.º 42.

Idem de 23. — Portaria auctorizando o conselho de saude publica para fazer concertar a arca d'agua e o aqueducto da fonte do Lasareto. Aviso pondo a concurso a feitura das estradas de que tracta a lei de 26 de julho passado; as propostas serão recebidas até ao dia 31 de dezembro. Venda de fóros e pensões.

Idem de 24. — Decreto mandando proceder ao recrutamento. Tabella da disposição de fundos no thesoiro no mez de outubro. As sommas postas pelo thesoiro á disposição dos diversos ministerios, importaram em 451:630\$966. Venda de fóros e pensões.

Idem de 25. — Venda de fóros e pensões.

LIBERDADE DE IMPRENSA.

2367 A 25 offereceu o Governo ás Côrtes um projecto de lei para repressão dos abusos da imprensa, precedido de um relatorio, onde se demonstra claramente a inefficacia de todas as tres até agora promulgadas. Segundo esta lei as offensas da imprensa contra os objectos maximos do estado, — religião, constituição, throno, parlamento, ordem e socego publico serão julgadas pelas camaras legislativas: todas as demais injurias ficam por ora sujeitas ao mesmo processo do jury.

A necessidade de reformação na imprensa é evidente, mas ¿deverá ella ser pelo modo que vem proposto? Presumimos que a discussão ha-de descobrir muito que mudar e melhorar.

A nossa opinião sobre este assumpto importantissimo está já formada, e havemos de apresental-a e fundamental-a sem nos torcermos por especie nenhuma de lisonja, e com aquella soltura decente e honesta, com que todos os escriptores publicos devem contribuir com as suas poucas ou muitas luzes para o verdadeiro bem e interesse da communidade.

JURY.

2368 SEM nos intertermos com as discussões philosophicas e em thèse, ácerca do jury, limitar-nos-hemos em observar, que por emquanto as mostras que nas causas crimes nos tem dado frequentes vezes de si esta instituição nas provincias, se não provam n'ella ruindade (o que seria temerario afirmar) arguem pelo menos que esta fórma de julgamento requer um grau de publica illustração a que ainda não somos vindos, imparcialidade que raro médra em tempos revoltos, e segurança nos julgadores que a protéria dos facinorosos e a diminuta defesa de muitos districts ruraes lhes não permitem desfructar.

¿Que propomos nós pois ou que desejamos?

Sincera e candidissimamente vae dicto: — nada. — Continuamos a registrar factos que são o indispensavel fundamento das boas leis; o seguinte é copiado de uma carta ao *Periodico dos Pobres no Porto* datada em Lisboa a 18 d'este mez: — «O meu correspondente «particular de Faro me escreve em 4 do corrente o «seguinte: a impunidade dos criminosos vae por aqui «em progresso, em razão da estúpida misericórdia do Sr. «Jury, que se compõe de gente que por humanidade «não quer fazer mal aos criminosos! e mesmo por ser «gente que cede a empenhos, pois os malvados sempre teem protectores. Ha dias absolveram os assassinos «do *Caiado de S. Braz!* e puzeram no meio da rua a «certos meninos que quizeram forçar uma rapariga de «noite no campo, dando-lhe muita pancada, que a puzeram em lençoes de vinho!! Tudo isto já se sabe «por falta de provas!!»

No mesmo jornal lê-se mais: —

«No dia 18 entrou em audiencia Maria Joanna, «solteira, criada de servir, accusada de infanticídio na pessoa de seu filho recém-nascido. Esta mulher sendo criada do carcereiro do Aljube, foi parir, e arrojou pelo buraco da cloaca seu «filho, o qual appareceu na pia, que faz servidão para o terreiro do castello. Conservava ainda vida; «quando assim appareceu, com tudo era ferido, e por «fórma tal maltractado que apesar dos cuidados que «se empregaram para o salvar, morreu nos dias seguintes, e assim morreu por força do derramamento «de sangue occasionado pela quêda que lhe fizeram «dar, e pelos ferimentos que por força della recebeu «—o jury declarou não provado o crime, mas o juiz «annullou a decisão como evidentemente iniqua e injusta, e ordenou nova discussão: defensor o advogado Silva Macedo — o delegado orou por duas vezes, e ambas por espaço de uma hora sustentou a «accusação, mostrou a criminalidade d'esta mulher, «mãe, e assassina de seu proprio filho, e reclamou a «sua punição; o advogado confessou o parto, revestiu-o de circumstancias inacreditaveis, e lançou mão «da deshonra e simplicidade d'esta mulher na idade «de 18 annos para a desculpar — suas evasivas foram «energicamente combatidas pelo delegado, pelos factos que a contrariam, e pelas respostas da ré, que «as desmentiam — suas palavras levaram a convicção «a todos os circumstantes, que o escutaram com a «maior attenção.»

REPETIÇÃO DA PRIMEIRA TRAGEDIA QUE NO MUNDO HOUE.*(Carta.)*

2369 SE ALGUEM se impoſeſſe o trabalho improbo de colligir os assassínios perpetrados entre nós nos últimos 10 annos, faria tão grosso volume que só encaſal-o infundiria horror. E se Kaunitz primeiro ministro da imperatriz Maria Thereza, mandou ſupprimír a venda de um livro, em que se achava a descripção de todos os tractos e supplicios com as machinas competentes, e até explicado o modo pratico da sua execução, e isto com o receio de que a vista d'esta obra imperasse horror ás leis, com mais razão deveramos nós, emvez de assoalhar, sepultar no fundo da cratera de volcão ardente, chronica tão horrivel qual devêra ser a que apresentasse o quadro de tantos e tão enormes delictos, se com ella podessemos sepultar as suas recordações, impressões, e effeitos moraes; porque se o espirito humano é sensível aos exemplos da virtude; quando se praticam impunemente amiudados crimes brutaes, corrompe-se.

No entanto como a *Revista Universal* na publicação de acontecimentos d'esta jaez, tem só a mira (segundo é seu timbre em derramar a instrucção e civilisação, apresentando já dados ao estadista para formar um quadro das mortes violentas e á vista d'elle fazer as suas comparações e averiguações, afim de firmar seu juizo sobre o movimento e situação actual do paiz; já offerecendo aos seculos futuros a historia da moral publica da nossa idade etc. etc.; e como por outro lado não offende em nada os bons costumes, pintando sempre os crimes com as mais feias côres — promovendo com rasões de conveniencia publica o castigo dos delinquentes — e finalmente publicando as execuções dos condemnados ao supplicio, de modo que sensibilisa e edifica; vou presentear-a com a noticia de um caso horrendo n'esta remota provincia acontecido.

Existiam no logar de Mellos, concelho da Torre de D. Chama, e districto administrativo de Bragança, dois irmãos, João Ferro, e José Ferro, que viviam do seu trabalho: não se achavam entre elles muito estreitados os laços da fraternidade; pois já por mais de uma vez, tinham tido desavenças, sem que os visinhos podessem atinar com os motivos do rancor: julgavam-no por sem fundamento da parte do mais velho; pois todos tinham o mais novo como um bonachão.

Em meado octubro estando uma noite o mais velho João Ferro deitado na pobre enxerga; emvez de dirigir seu espirito ao Creador, nutria provavelmente na alma ferinos projectos de vingança; senão quando entra José. O que ali passou entre os dois sabem-no Deos e o fraticida!! A arma com que se perpetrou tão negro crime, foi o cabo de um instrumento rustico; e tão desapiadadamente descarregado contra o infeliz, que lhe esmagou os queixos, abalou o crâneo, e fracturou os braços em muitas partes.

Nenhum d'elles estava na idade em que domina o fogo das paixões; o mais novo não contava mais de 30 annos.

O Caim foi logo preso, e está a cargo da justiça humana; já talvez bem castigado pela divina, que para algoz dos impios lhes metteu dentro a consciencia.

Vimeiro 10 de novembro de 1843.

Do assignante

A. Cabral.

MACRÓBIA.*(Carta.)*

2370 A 19 do corrente falleceu Anna Grandôa, natural d'esta villa (Thomar), de idade de 101 annos; depois d'uma doença de 15 dias que só se pôde capitular como apagamento da vitalidade. Até que adoeceu andou sempre de pé; e cosia sem óculos, conservou os cabellos em abundancia, porém todos brancos como a neve. Vivia com suas duas filhas já velhas tambem e eram abastadas. Era esta caza um exemplo d'amor e respeito filial tão vulgar n'outras eras quão raro hoje em dia. Nunca as filhas faziam nem determinavam coisa alguma do arranjo da caza e da sua pequena lavoira sem consenso de sua mãe, e tão perfectas conservava ella as suas faculdades mentaes, que até poucos momentos antes de expirar fez varias determinações concernentes ao futuro arranjo do casal, e determinou a porção de cereaes que se devia vender para as despezas de entêrro e para lhe mandarem dizer missas por alma. Acabou finalmente recomendando a suas filhas que mantivessem sempre entre si a maior amisade. *Pedro de Roure Pietra.*

RELOGIO DA CIDADE.

2371 CORRE ha muitos dias (com que fundamento não o saberiamos dizer ao certo mas accreditado e bem acceito) o rumor — de que a cidade de Lisboa vae ter na sua praça grande o seu grande relógio, e tamanho, que é nada menos que o de Mafra. Para elle — dizem — se vae levantar sobre um magestoso arco de abóboda na boeca da *Rua Augusta* uma soberba torre, qual para esse mesmo fim se achava traçada no risco do Marquez de Pombal. SS. MM. a Rainha e ElRei — accrescenta-se — promettem para ajuda da obra, quantia não pequena; e presume-se que a par com o relógio virá um dos afamados carrilhões derramar as suas variadas melodias por cima da mui bella, porém mui prosaica cidade de Lisboa a nova.

Para isto até nós contribuiramos com o nosso pouco. Mafra do seu deserto haverá presenteado a capital com um monumento digno do nome de D. Pedro; ficando-lhe ainda para consolar-se outro egual que lhe recorde o seu D. João V.; e os filhos de Lisboa sem sairem de suas ruas, pensarão a cada quarto de bora do dia e da noite no real convento, que envelhece ha muitos annos na solidão, sem arrimo, nem soccorro, nem visita.

Os sinos de Mafra, segundo nos informam, pendem lá de armações de madeira do Brazil, mas já tão carcomidas do tempo, que ameaçam para qualquer dia soltar-os de si por já não poderem, e precipitar em ruinas toda aquella estupenda fabrica de musicas. No trazel-os ao *Terreiro-do-Paço* haveria pois, emvez de um, dois actos meritorios: — salvar os sinos, afamados em todo o mundo, e inaugural-os n'um posto, d'entre todos os postos, dignissimo. Lisboa é para os navios estrangeiros, que a visitam em sua esplendida bahia a mais ridente hospedeira de quantas cidades ha na terra. ¿Porque lhe não cingiriamos na frente mais esta joia? ¿porque lhe não dariamos um novo feitiço, que o marinheiro de regiões remotas fosse encarecer, em voltando para entre sua gente? os seus ouvintes ao serão de inverno, escutando-lhe a descripção do colosso equestre de D. José, requereriam logo que lhes fallasse d'aquelles sinos

que de noite o alegravam, quando sentado na tolda captava com ambas as orelhas fitas as saudosas toadas, que no luar se esvaíam por cima das aguas serenas muito ao longe.

A camara municipal que tal obra empreendesse, bem estreada memoria deixaria.

MAIS UM EDIFICIO PUBLICO ABRASADO.

(Carta.)

2372 Tinha dado uma hora da tarde do dia 18 de outubro de 1843 quando alguns trabalhadores que andavam nos suburbios da cidade, viram no convento de S. Domingos torréões d'espesso fumo: o mesmo era visto por alguns alvenéres, que andavam nos telhados d'algumas propriedades da cidade. Não deixou de causar maravilha a novidade, mas não tanta que chegasse a cuidado, por se lembrarem que era alli o quartel.

Das 3 para as 4 horas começam os sinos a tocar a rebate: tudo é alarido, confusão e horror: as chammas impellidas pelo vento tinham ganhado tal furia, que atalhar-as era quasi impossivel, e mais dizendo-se que o fogo se ia chegando ao paiol do destacamento. Temia-se a explosão; retardava-se o remedio. Salvar a igreja era o que por mil boccas se pedia; mas a igreja era vizinha da polvora. Com effeito esta se abrasa, dando aos olhos terrificados uma representação do inferno. Apóz esse lance ninguem já refoge a combater e lutar com as chammas. Traba'ham nobres e plebeus: arrebatam as preciosidades todas da igreja: salvam as imagens e retábulos; o Sacramento é depositado no mosteiro de Jesus d'Aveiro. Começam os telhados do convento a desabar: redobram-se esforços: consegue-se cortar o fogo e salvar a igreja; queimando-se todo o edificio, á excepção da cosinha, refeitório, cellas dos priores e livrarias, que tudo fica á entrada.

Consumiram as chammas toda a bagagem do destacamento, a arrecadação do cazerneiro, e as armas e correames da guarda de segurança; só n'esta parte não deve o prejuizo baixar de trezentas moedas. Os estragos, que na igreja se fizeram para arrancar os retábulos e outras peças foram estimados pelos peritos em 800,000 rs. Não fallo no prejuizo do convento, porque será reduzido a campo que d'antes era, logo que se demulam as paredes. Como o fogo pegou, ainda hoje se não sabe com exacção: o certo é que principiou no quarto do commandante do destacamento; diz-se que o camarada tinha accendido um phósforo, e depois de sair para fóra, é que se declarára o incendio; quando voltou já não podéra entrar no quarto. Abstenho-me de fazer reflexões a este respeito porque todas ellas poriam em duvida se o fogo foi ou não lançado á cinte. O caso é que o soldado se acha preso e que está para responder a conselho de guerra: vêr-se-ha o resultado.

Já que não podemos esperar reedificação a esta, como a nenhuma das outras nossas grandezas velhas que se nos vão devastando, ora por imprevistos desastres, ora pelo desamparo, ora por um empenho cégo de destruir: detenhâmo-nos um momento ao pé d'estes montes de cinzas e paredes tismadas, assistindo pela memoria á primeira fundação do que ora jaz: e recordêmo-lo com as mesmas circumstancias, com que a pia antiguidade na sua incommensuravel boa fé nol-o deixou historiado.

Foi esta caza obra do Infante D. Pedro, filho d'el-

rei D. João o I., que lhe lançou a primeira pedra em 23 de maio de 1443 precedendo para a erecção o Breve de Martinho V passado aos 19 de fevereiro do mesmo anno: foi sagrada pelo bispo de Coimbra D. Jorge d'Almeida em 20 de janeiro de 1464; enriquecida pela bulla d'Eugenio IV, e com muitos privilegios d'el-rei D. Duarte.

Da origem d'esta obra, que falle por nós o mestre e tão mestre Fr. Luiz de Sousa: —

« Vivia na Villa de Aveiro hum Affonso Domingues, velho de annos, e de perseguição de doenças, que de longos tempos o tinhão tolhido de pés, e mãos, e como com pregas cravado em huma cama, homem conhecido na terra pollo mal, que padecia, e por bom christão, e devoto de Nossa Senhora, antes da doença. Eis que hum dia, era por Agosto do Anno de 1422, amanhece são, e salvo, e em pé á porta do Infante, que a caso se achava então na Villa. Sobe as escadas tão salto, e tão senhor de sy, como quando era de 25, annos: pasmando todos os que o conhecião, como se virão fantasma. Pede audiencia, levão-no ao Infante, corre toda a casa traz elle: posto em sua presença, foy contando, que na mesma noite se ouvira chamar por seu nome, e abrindo os olhos, vira arder a pobre casa em resplandores muito aventejados ao sol do meyo dia, e no meyo delles se lhe apresentara huma Senhora cercada de tamanha gloria, e fermosura, que não pudera duvidar ser a Virgem Mãe de Deos; e adorandoa por tal, entre perturbação, e alegria; ella lhe mandara, que tomasse huma enxada, e a seguisse. Tal era a minha torvação, dizia o bom velho, que sem me lembrar a prisão de membros, que tantos annos ha não mandava, nem crão meus, tive mãos pera tomar a enxada, e pés pera andar, sem saber o que fazia, nem como o fazia. Fuy-me traz a bendita Mãe de Piedade, que encaminhou pera a porta do Sol (he nome de huma das portas da Villa) e chegando a ella, notei, que se sentou na escada, que sobe pera o muro, e daqui (*) me mandou, que fosse sinalando com a enxada (como fiz) hum bom pedaço daquelle descampado. Isto feito, disse-me, que logo da sua parte vos avizasse, senhor Infante, que lavrasséis aqui hum Mosteiro da Ordem de S. Domingos, e que fosse do seu nome della. Até este ponto, como se tudo fora sonho, que na verdade assi mo parecia, não tinha eu reparado em nada: mas quando me vi feito embaixador, comessei a duvidar comigo, e dizialhe, que ninguem me daria credito, homemzinho, e coitado, e em negocio tamanho: e a Senhora tornou: Vay, não duvides; que bastará, pera seres crido, verte o Infante posto em pé, e são, e valente, como estás, quando sabia, que estavas entrevado: então parece, que acabei de entrar em mim, e cobrei luz pera ver, e entender, que tinha cobrado milagrosa saude, qual nunca esperei, nem mereci. Foy o caso celebrado na Villa por todos os naturais com espirital contentamento, como grande mercê do Ceo, e por tal ficou nas memorias della, e do Cartorio do Convento, pera honra da terra, e da Ordem: e he a cousa mais sabida de quantas se contão em Aveiro. O Infante ficou cheyo de consolação, e alegria, dando graças sem fim á Virgem, por ver que lhe era grato hum serviço, que até aquella hora não tinha passado de traça, e desejos: mas pera não haver mais tardança na execução, chamou por huma parte o Vigairo da reformação, pera assistir na obra da casa, que logo queria, que começasse: e por outra foy procurando licença de Roma pera ella, que impetrou por hum Breve, que temos passado pollo Papa Martinho Quinto em dezanove de Fevereiro de 1443, e deste tempo lhe contamos sua antiguidade. Quando veyo aos vinte, e tres de Mayo, tendo juntos grande copia de materiaes pera a fabrica, lançou o Infante por suas mãos a primeira pedra: e fazendo logo levantar hum Altar no mesmo sitio, onde ora he o da Capella mór, celebrou nelle primeira Missa o Padre Frey Mendo de Sanctarem Vigairo dos Conventos reformados. Concedeo a Villa de boa vontade todo o sitio, que por man-

(*) Ainda hoje se chama n'aquelle sitio a Senhora da Escadinha aonde está uma imagem que em recordação do acontecido todos os annos se venera na mencionada noite do dia 4 d'agosto, com foguetes e fogueiras, repuchos artificiaes, e mais brincos do costume.

dado da Virgem, e mitos de Affonso Domingues se achou dezo-nhado: e o Infante comprou outro chão vizinho para mais largueza, acudindo de suas rendas com todo o necessario: de sorte, que brevemente ouve gasalhado para alguns Frades, e começou na terra o edificio espirital igualmente com o material: porque vierão Religiosos de Bemfica, que ficarão logo pregando, e confessando: e do que tocava à pedra, e cal se entregou a superintendencia ao Padre Frey Nicoláo de S. Domingos.

«Tratouse da invocação da Casa, e como havia de ser da Senhora, escolheu o Infante a daquelle passo, em que mais dores, e mais merecimento juntamente teve sua bendita alma que foy quando vio em seus braços ao pé da Cruz a fonte da Vida sem vida: e o Autor da luz cuberto de sombras, e escuridade mortal, passo, em que o Infante tinha particular devoção: o fleou-se chamando com linguagem, e consideração pia daquelle tempo, Nossa Senhora do Pranto, que nós agora dizemos melhor da Piedade.»

Vagos 20 de outubro.

João Ferreira da Cruz.

QUAL VIDA TAL MORTE.

2373 João Ignacio, ilhéu, era alcunhado o *tenente das guerrilhas da serra do Algarve*, onde, ha nove annos, campeava com os seus bandidos, accommettendo os constitucionaes, saqueando onde sentia que, e fazendo-se pelo terror obedecer e servir onde quer que apparecia. Desertor, rebelde, companheiro e depois successor do *Remechado*, e carregado com a imputação de malfetorias de todo o genero, roubos, violações, incendios e homicídios, — era d'aquelles facinorosos, que já não esperam nem aceitam indultos, porque não creem na possibilidade do perdão; e que tendo quebrado para sempre com a sociedade, constituem nobreza para si em persegui-la até ao cabo.

Na antemanhã de 9, o alferes *Sarria*, com poucos soldados, marchava secretamente para o cazal ou monte d'*Aguas Bellas* residencia de Joaquim Jangra, onde por denuncia feita ao administrador do concelho de Silves constava que tinha então seu covil aquelle javali, affeito de continuo a mudar de poiso.

Foram sentidos porém quando já quasi logravam o fim do seu empenho: viu bem o malvado que era inutil o combater; preferiu a fuga deixando a vingança para mais tarde; e evadiu-se acompanhado pelo filho do seu hospedeiro; os soldados perseguem-n'os; bradando-lhes que se rendam; veem-n'os affastar-se cada vez mais; vão transpor e sumir-se; atira-se-lhes: caem ambos mortos. A tornada da escolta a Silves é uma ovação. Todos querem ouvir da bocca dos soldados para acabarem de o erer, um successo, que desassombra a todos os espiritos de um terror já de nove annos.

A PROVIDENCIA NO CASTIGO.

2374 COMPLETAREMOS a precedente noticia, juntando ao drama o seu primeiro acto, qual do Algarve, nol-o escreve, em data de 19 do corrente, um de nossos subscriptores.

Um rapaz das proximidades de Monchique, tinha ido dias atraz, aquella villa comprar uma porçõesinha de suriano para seu uso: na volta procurou um monte que lhe ficava para os lados do sitio do Alperse; e pediu agua entrando na caza.

Viu n'ella muitos homens recostados, comendo, bebendo, outros jogando; deram-lhe de comer e beber; tomaram-lhe o suriano, e querendo elle retirar-se, o detiveram: fizeram-lhe varias perguntas, entre ellas — em que dias saia agora o correio — por onde

passava etc. etc. Ao que o rapaz não soube responder.

D'aquelle monte passaram a outro mais sertanêjo e serra acima, levando consigo o rapaz. Percebendo os ladrões (eram vinte e cinco) a tenção feita, que o seu forçado hóspede trazia de lhes fugir, o capitão, a quem chamavam *tenente*, fêl-o assentar-se n'uma pedra e mandou que lhe atirassem. O rapaz que de certo fôra bem baptizado na cabeça e corpo, não recebeu as ballas se não no chapéu; e sem esperar por segunda experiencia da efficacia do seu baptismo, saltou da pedra como um côrço, e abalou de carreira arrancada pelo matto fóra: retirada n'aquellas alturas não menos heroica do que uma victoria. Perseguiram-n'o ainda atirando: — mas dentro em pouco o perderam de vista.

Chegado á villa avisa as auctoridades, em consequencia do que saiu a tropa, que dissemos, capitaneada pelo alferes *Sarria* e guiada pelo arcabusedo vivo que a levou ao monte, onde o imprudente malfetor se achava ainda, como que retido pela fatalidade que tinha marcado aquelle dia e aquella hora para uma tremenda expiação, porque nos seus ultimos momentos o moribundo deveu olhar com damnada inveja para a sorte dos que exhalam o espirito pendurados da corda do patibulo, entre os perdões e benções da Religião.

O POETA DOENTE.

2375 O nosso bom amigo e collaborador o Sr. José da SILVA MENDES LEAL JUNIOR, foi accommettido de uma violenta febre escarlatina, que ainda o retém na cama, cercado dos disvellos da sua extremosa familia, e visitado com os signaes do mais vivo receio pelos seus muitos amigos, e por todos os que se interessam na conservação de quem em tão poucos annos tanto lustre tem dado ás nossas letras. Felizmente os socorros da medicina, ministrados por mãos habéis e que já, em outra conjunctura melindrosa, salvaram o nosso illustre litterato, esperam triumphar brevemente da molestia e restituir á poesia, ao theatro, á amisade, e sobre tudo aos corações de sua mãe, de seu pae e de seus irmãos o commum thesoiro de todos elles.

CUIDAR BENZER-SE E QUEBRAR OS NARIZES.

2376 EM audiencia de julgamento, no dia 9 d'este mez no palacio da justiça á Boa-Hora, pleiteavam verbalmente dois cidadãos de vésfia, um merceeiro e um official mechanico. — O merceeiro, que era o auctor, exigia do réu seis cruzados novos por um rol de comestiveis, que a mulher d'este levára fiados da sua tenda. — Negava o réu a obrigação de os pagar, confessando aliás que todos os generos mencionados tinham em boa verdade sido levados por sua companheira, comidos entre ella e elle, e não pagos por elle nem por ella.

— Confesso tudo, mas não devo nada — era o seu estribillo, acompanhado de um sorriso malicioso.

— Sr. juiz — exclamava o crédor — note V. S.^a que todas as testemunhas declaram, que esse homem comeu.

— Tambem o eu declaro. Mas não é essa a questão.

— E que não me pagou.

— Não ha duvida; mas não é essa a questão.

— Portanto que me está devendo.

— Agora essa é que é a questão, e é que eu nego. Se minha mulher fosse minha mulher não digo nada;

são encargos do matrimonio; e havia de satisfazê-los, que sou um homem de bem, e gosto de andar com a minha cara descoberta. Porém minha mulher vive comigo como se o fosse: é tida como tal na vizinhança: mas faltou o melhor para o amigo tendeiro, que era ter-nos o prior deitado a estóla por cima das mãos, e aqui está a prova que o vae confundir.

Dizendo isto sacava do bôlso meia folha de papel, em que pela expressão triumphal de seu gesto se adivinhava, que vinha a mola da peripécia:

Nec Deus intersit nisi dignus vindice nodus.

Este papel que elle passou ás mãos do juiz era um attestado formal e reconhecido, em que o seu parochio declarava que o Sr. N. de tal seu freguez (freguez da igreja como da tenda provavelmente) era solteiro. Se *Lavater* quizesse desenhar o prototypo de um tendeiro aterrado havia de retratar a cara, com que ficou o credor, parecendo olhar ora para o devedor ora para as testemunhas, mas em realidade não vendo coisa alguma diante de si, mais que uma desconforme pagina de giz no reverso da sua porta sem um unico *pg* com que se consolar.

O juiz, magistrado tão sabio como probo, o Sr. Ferreira de Lima, transformou de repente a situação dramatica n'outra ainda mais dramatica pela contraposição. Com poucas palavras, que solemnemente lançou por cima do silencio profundo e religioso de toda a sala, a alegria do réu e a consternação do auctor trocaram-se mutuamente. A sentença tinha sido proferida; o *pg* ia ser posto pelo industrioso casuista no reverso da porta do mui facil fornecedor.

Não pára aqui. O documento de celibato após a prova testemunhal e a confissão verbal da parte, da sua convivencia íntima com a sua compradora, foi mandado trasladar pelo escrivão para ser remettido ao respectivo delegado afim de accusar e fazer punir, como direito fosse, ao confesso vanglorioso e ainda por cima especulador de mancebia.

Assim ia buscar lá e saiu tosquiado a ovelha ralhosa, que o pastor espiritual não havia podido curar para diminuir contagio ao seu rebanho. Uma e outra decisão do julgador mereceu os gabos publicos, e ter-lhe-hiam grangeado uma reputação assás bella se elle já ha muito a não houvéra conseguido.

A ESTRELLA DO MAR.

2377 O PRIMEIRO, que exhalou do coração esta poetica invocação á Virgem,

Salve, Estrella do mar,
Ave, maris Stella:

devia ter experimentado, quanto no meio das solidões do oceano turbulento, sob o céu anoitecido e por entre as rajadas dos tufões, é necessario o amar para não temer, e como para reanimar o esforço aos membros, jogados pelo temporal dentro n'um lenho fragil e convulso, sobre uma sepultura semiaberta, sem fundo e povoada de monstros, era urgente agarrar com as mãos do espirito ao firmamento, e bradar por mãe.

O mar é o pregão da immensidade e da omnipotencia: o marinheiro é religioso: uma lanterna para a sua bitácula: a estrella polar para o seu léme e a luz da fé para a sua alma: navegará assoviando e cantando toda a zona espumosa do globo. Rude no seu aspero viver e apoucado nas suas idéas pela monoto-

nía do seu destino, o marinheiro não ousaria jámais levantar, cara a cara, o seu pensamento na hora da torvação para o throno do Potentissimo, d'onde vê sair, por entre montes de nuvens, os tufões e os coriscos: necessitava de mediação para as suas préces e esta não devia, nem podia ser outra, senão a Virgem, objecto o mais afinado pelo seu coração amante e saudoso da terra onde se teve mãe, da terra que é mãe ella mesma e mãe muito querida e muito sonhada pelo navegante.

Por isso em todas as costas maritimas da Christandade, as egrejas, as ermidas, as capellinhas da Virgem, estão, de dia com as suas faces candidas, de noite com os seus olhos accesos sorrindo para o mar, abençoando o navio que passa ao longe, e como que exultando e tripudeando á vista ávida dos nautas, que demandam com a cabeça já descoberta a praya conhecida. Despovoem-se muito embora os templos da terra a dentro: que estas cazinhas, assentadas á órla espumante do oceano ou sobre elle pendentés de cima de uma penedia, ou de uma encosta um pouco mais afastada namorando-o com esquivanças, como a Galathea do poeta por entre os salgueiros, serão sempre — em que pez a materialisadores — visitadas e prendadas com votos e offerendas pelos salvados da tormenta, pelas mulheres e filhos dos marinheiros e dos pescadores. Dizei-nos, se a conheceis mais affectuosa scena, que uma turba d'estes homens de fé, que depois de haverem vencido com o seu religioso esforço o mar e a morte, vem em procissão, descalça e humilde ao som da — Ave, Maria, — que ainda em tão roucas vozes sóa doce, trazer o traquète da promessa aos pés da Virgem risonha do manto azul, que poisa sobre lua e estrellas!

Frequentes, eram outróra estes cumprimentos de voto, quando as nossas quinas varriam as espumas de todos os mares, e os navios dos nossos mercadores se encontravam de hora e hora, indo e vindo, como feirantes alegres n'um terreiro grande, em bello dia. Estes cumprimentos tornaram-se raros.

Como rara pois, quando por outra coisa já não seja, poderá agradar a relação da festa, que no domingo 19 d'este mez na capella da Senhora da Bonança em Gaya, celebrava a tripulação do *Paquete de Sanctos*. — Um vendaval incontrastavel os havia accommittido no desamparo do mar alto com tão crescida furia, que de todas as vellas só uma lhe deixára, tendo-os, quasi por momentos, sossobrados. Invocar com fé viva a Consoladora dos Afflictos o mesmo foi que esconjurar as ondas e os furacões; para logo abonçou o pégo, e os ventos se trocaram em obzequioso sópro, que d'ahi ávante os seguiu no rumo de sua derrota: por isso foram, conforme ao promettido, levar a pobre vella a quem lh'a tivera de sua mão, pregoando pelo caminho ao povo, que lhes accorria com os olhos arrazados de agua, o seu milagroso livramento. A esmola que elles pediam para a votiva solemnidade da Sua Senhora, ninguem deixava de lh'a dar tão larga, quanto o seu haver lh'o consentia: o festejo foi apparatuso sobre devoto. Missa cantada com instrumental e sermão, repiques e girandolas, e no meio da igreja diante do altar o traquète, branco e guarnecido de flores como uma noiva, cercado dos seus marinheiros, que não choraram quando viram voar todos os outros pannos, mas choravam agora de ternura e alegria.